RISC Revista Informação na Sociedade Contemporânea
ISSN 2447-0198

Artigos

Ifá e a organização do conhecimento: contribuições de uma tradição africana à Ciência da Informação

Ifá and the Organization of Knowledge: Contributions of an African Tradition to Information Science

Ifá y la organización del conocimiento: contribuciones de una tradición africana a la Ciencia de la Información

Denilson Fiuza

Mestre em Ciência da Informação
Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil;
https://orcid.org/0000-0002-5302-5987 E-mail: fiuza.denilson@gmail.com

Ana Paula Meneses Alves

Doutora em Ciência da Informação
Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil;
https://orcid.org/0000-0002-1137-2139 E-mail: apmeneses@gmail.com

Douglas Emiliano Januário Monteiro

Doutor em Geografia
Instituto Federal de Minas Gerais, Arcos, MG, Brasil;
https://orcid.org/0000-0001-8601-8700 E-mail: douglas.monteiro@ifmg.edu.br

Rev. Inf. na Soc. Contemp., Natal, RN, v. 10, 2026
ISSN 2447-0198

DOI: https://doi.org/10.21680/2447-0198.2026v10n1

Submetido em: 04-04-2026
Reapresentado em: 10-07-2026
Aceito em: 13-07-2026

RESUMO

Introdução: Apresenta uma leitura da organização do conhecimento que considera a oralidade e a tradição oral como tecnologias que moldam a construção do conhecimento. A partir do *Ifá*, por meio do *Odù Corpus*, apresentado como uma taxonomia viva, evidencia-se uma abordagem decolonial para curadoria, indexação, preservação e acesso a saberes da tradição religiosa de matriz africana em contextos educativos, museais e em bibliotecas. **Objetivo:** Analisar o *Odù Corpus* como uma taxonomia viva que pode orientar uma abordagem

decolonial na organização do conhecimento, articulando oralidade, memória e curadoria para ampliar o acesso e a governança de saberes em contextos informacionais diversos. A hipótese central é que a oralidade funciona como memória coletiva, fornecendo fundamentos contextuais e históricos que enriquecem práticas informacionais sem impor estruturas classificatórias ocidentais hegemônicas. **Metodologia:** Pesquisa qualitativa, de abordagem teórico-analítica, que examina como o *Odù Corpus* pode orientar procedimentos de organização do conhecimento e políticas de governança que valorizem a diversidade epistemológica e a participação da tradição religiosa de matriz africana. **Resultados:** O *Odù Corpus* é apresentado como uma ferramenta de leitura que transforma saberes tradicionais em recursos informacionais capazes de sustentar políticas de acesso mais inclusivas e democráticas, evitando a apropriação e assegurando contextualização adequada na recuperação da informação. **Conclusão:** Espera-se contribuir para práticas de curadoria, preservação e governança que reconheçam a legitimidade de múltiplas epistemologias, promovam inclusão digital e estabeleçam políticas de acesso que respeitem contextos históricos e tradições religiosas de matriz africana, consolidando o *Ifá* como uma taxonomia viva.

Palavras-chave: organização do conhecimento; taxonomia; *Odù Corpus*; tradição oral; estudos decoloniais.

ABSTRACT

Introduction: This paper presents a reading of knowledge organization that considers orality and oral tradition as technologies that shape the construction of knowledge. Using *Ifá* through the *Odù Corpus*, presented as a living taxonomy, the work highlights a decolonial approach to curation, indexing, preservation, and access to knowledge from African-based religious traditions in educational, museum, and library contexts. **Objective:** To analyze the *Odù Corpus* as a living taxonomy that can guide a decolonial approach to knowledge organization, articulating orality, memory, and curation to broaden access to and governance of knowledge in diverse informational contexts. The central hypothesis is that orality functions as collective memory, providing contextual and historical foundations that enrich informational practices without imposing hegemonic Western classificatory structures. **Methodology:** Qualitative research with a theoretical-analytical approach that examines how the *Odù Corpus* can guide knowledges organization procedures and governance policies that value epistemological diversity and the participation of African-based religious traditions. **Results:** The *Odù Corpus* is presented as a reading tool that transforms traditional knowledge into informational resources capable of supporting more inclusive and democratic access policies, avoiding appropriation and ensuring adequate contextualization in information retrieval. **Conclusion:** The study seeks to contribute to curatorial, preservation, and governance practices that recognize the legitimacy of multiple epistemologies, promote digital inclusion, and establish access policies that respect historical contexts and African-based religious traditions, consolidating *Ifá* as a living taxonomy.

Keywords: knowledge organization; taxonomy; *Odù Corpus*; oral tradition; decolonial studies.

RESUMEN

Introducción: Presenta una lectura de la organización del conocimiento que considera la oralidad y la tradición oral como tecnologías que configuran la construcción del conocimiento.

RISC
ISSN 2447-0198

Desde *Ifá*, mediante el *Odù Corpus*, presentado como una taxonomía viva, se destaca un enfoque decolonial para curaduría, indexación, preservación y acceso al conocimiento de tradiciones religiosas de matriz africana en contextos educativos, museísticos y bibliotecarios. **Objetivo:** Analizar el *Odù Corpus* como una taxonomía viva que puede guiar un enfoque decolonial de la organización del conocimiento, articulando oralidad, memoria y curaduría para ampliar el acceso y la gobernanza del conocimiento en diversos contextos informativos. La hipótesis central es que la oralidad funciona como memoria colectiva, proporcionando fundamentos contextuales e históricos que enriquecen prácticas informativas sin imponer estructuras clasificatorias occidentales hegemónicas. **Metodología:** Investigación cualitativa, de enfoque teórico-analítico, que examina cómo el *Odù Corpus* puede guiar procedimientos de organización del conocimiento y políticas de gobernanza que valoren la diversidad epistemológica y la participación de tradiciones religiosas de matriz africana. **Resultados:** El *Odù Corpus* se presenta como herramienta de lectura que transforma saberes tradicionales en recursos informativos capaces de sustentar políticas de acceso más inclusivas y democráticas, evitando la apropiación y asegurando contextualización adecuada en la recuperación de información. **Conclusión:** Se espera contribuir a prácticas de curaduría, preservación y gobernanza que reconozcan la legitimidad de múltiples epistemologías, promuevan inclusión digital y establezcan políticas de acceso que respeten contextos históricos y tradiciones religiosas de matriz africana, consolidando *Ifá* como una taxonomía viva.

Palabras clave: organización del conocimiento; taxonomía; *Odù Corpus*; tradición oral; estudios decoloniales.

1 INTRODUÇÃO

Na Ciência da Informação (CI), a taxonomia assume diferentes aplicações conceituais. Segundo Elisângela Aganette, Lídia Alvarenga e Renato Souza (2010), além de atuar como uma ferramenta de recuperação e compreensão da informação, a taxonomia pode ser entendida como um sistema de organização do conhecimento e de classificações sistemáticas. A origem conceitual da taxonomia remete à filosofia grega, com os conceitos *taxis*, que significa ordem, e *nomos*, que designa lei ou norma.

No século XVIII, o naturalista sueco Carl von Linné empregou a taxonomia como ferramenta de classificação na biologia, estabelecendo uma hierarquia que inclui Reino, Filo, Classe, Ordem, Família, Gênero e Espécie. A partir de 1956, a taxonomia ganhou aplicação educacional, e nas décadas subsequentes, sua função passou a ser discutida sob diferentes enfoques dentro de contextos educacionais e informacionais. A partir de então, consolidou-se não apenas como um tema central na CI, mas também como um campo interdisciplinar que dialoga com diversas áreas do conhecimento, evidenciando seu papel como estrutura

orientadora para a organização, recuperação e comunicação do saber (Aganette; Alvarenga; Souza, 2010).

Além disso, a taxonomia pode ser identificada como a integração de instrumentos de classificação: linguagem documentária, plano de classificação e listas de termos controlados. Conforme apresentado por Maria Luiza Campos e Hagar Gomes (2007), uma taxonomia se caracteriza pela organização do conhecimento por meio de um sistema estruturado de classificação de documentos e dados. Ela gera categorias hierárquicas e utiliza a categorização como procedimento fundamental para representar, recuperar e gerenciar o conhecimento. Em instituições, a taxonomia funciona como uma ferramenta de busca e de organização que facilita a criação de sistemas, a recuperação de informações, a alocação de conteúdos e a compreensão da estrutura conceitual dos saberes armazenados. Ao identificar e recuperar informações relevantes para atender à necessidade informacional do usuário[1], este trabalho considera a oralidade e a tradição oral como tecnologias que moldam a construção do conhecimento.

A presente taxonomia, neste trabalho, retrata uma curadoria, um tratamento de dados relacionados aos saberes tradicionais africanos com a oralidade em uma classificação de dados. Para entender melhor, o *Odù Corpus* é o vasto corpo literário do *Ifá*, composto por 256 capítulos, ou categorias principais, que incluem narrativas místicas e históricas chamadas *Ìtàn*. Nesta construção conceitual, o termo iorubá *Odù* refere-se a cada um dos 256 signos, ou capítulos, que contêm os ensinamentos e as histórias, enquanto o termo latino *Corpus* designa o conjunto organizado e compilado desses saberes. Juntos, eles formam a ideia de um corpo de conhecimento estruturado em unidades significativas. Ele funciona como uma memória estruturada, transmitindo saberes codificados e interpretados pela oralidade a partir da ancestralidade.

Nesse sentido, *Odù Corpus* pode ser lido como uma taxonomia viva que, ao incorporar a oralidade, a memória e as práticas de curadoria, expande as categorias e as relações entre saberes, indo além de esquemas ocidentais rígidos.

O *Ifá*, um sistema de sabedoria e divinatório, é compreendido como a manifestação dos ensinamentos de *Olódùmarè*[2], articuladas como manifestações de uma vontade cósmica

[1] Para mais informações sobre recuperação de informação, acessar o trabalho de Renato Sousa e Rogério Araújo Júnior (2017).
[2] Ser supremo.

que originou o Universo e a sua imensidão. *Ifá*, nesse enquadramento, significa sabedoria organizada segundo o sistema divinatório que opera por diversos *Ìtàn*, que se acredita serem 4.096, estruturados sistematicamente[3].

Odù Corpus[4] têm a função da representação do conhecimento passado pela oralidade na tradição oral no sistema divinatório. Esses *Odù Corpus* compõem narrativas de acontecimentos místicos e históricos, denominadas Ìtàn, as quais, quando longas, recebem a designação de *Ifá nlánlá* ou *Ìtàn nlánlá*. Assim, o *corpus* literário de *Ifá* funciona como uma memória estruturada, cuja função oracular descreve e transmite saberes que nelas se codificam, preservam e interpretam pela oralidade:

> O *corpus* literário de *Ifá* reúne um total de 256 capítulos ou categorias denominadas *Odù* (odu) sendo que 16 odus "maiores", chamados de *Ojú Odù,* e 240 odus "menores", chamados *Ọmọ Odù* ou *Àmúlù Odù*, compondo um total de 4.096 (16 x 16 x 16) poemas, que cumprem a função oracular, entre outras. Cada um dos 256 odus – os 16 "maiores" e os 240 "menores" – se compõe de narrativas de acontecimentos místicos e históricos, denominadas *Ìtàn* (itan). Essas, quando longas, recebem a denominação de *Ifá nlánlá* ou *Ìtàn nlánlá* (Síkírù Sàlámi; Ronilda Ribeiro, 2023, p. 228).

Callu Bamberg *et al.* (2022) trouxeram uma contribuição sobre produção de conhecimento na epistemologia decolonial. De acordo com as autoras, o objetivo da epistemologia decolonial é produzir conhecimento na diversidade de saberes na CI. Dentre outras produções de conhecimentos decoloniais, abordaremos a Epistemologia Africana, tema da próxima seção.

Na CI, dentre outras áreas, podemos compreender o *Ifá* como um giro decolonial na perspectiva da Biblioteca de *Ifá.* Bamberg *et al.* (2022) apontam a Biblioteca de *Ifá* como um espaço simbólico imaterial. Ao incorporar saberes tradicionais na CI, este trabalho também pode ser inserido na concepção de epistemologia africana (Franciéle Silva, 2023), além de introduzir uma epistemologia decolonial, cuja premissa envolve a organização de saberes, a oralidade, as memórias e a curadoria informacional — que organiza os saberes como zelador e agente da informação.

A justificativa deste trabalho está calcada na necessidade de se repensar a organização do conhecimento na CI. É notório que temos as práticas ocidentais de curadoria, classificação

[3] *Ìtàn* são narrativas de fatos históricos integrantes dos *Odù* de *Ifá*.
[4] Tratam-se dos *Odù* integrados à literatura de *Ifá*.

e metadados, bases da CI, que desconsideram as epistemologias africanas. Nesse ínterim, o *Ifá*, tradição religiosa de matriz africana com *Odù Corpus e Ìtàn*, indica uma caminhada metodológica que não apenas reconhece a pluralidade de saberes, mas também os posiciona de modo claro: contextos de origem, fundamentos teóricos, práticas religiosas e formas de transmissão, mantendo a coesão entre informações e suas respectivas tradições. O arcabouço, baseado em *Odù Corpus* e *Ìtàn* como base da taxonomia, visa incorporar saberes de epistemologias africanas — orais, documentais e rituais — na recuperação e na preservação, sem nenhuma forma de apagamento da fundamentação da tradição religiosa.

A questão da pesquisa é entender como a taxonomia em *Odù Corpus* pode funcionar como uma estrutura viva de classificação, curadoria e governança da informação, integrando saberes tradicionais africanos e práticas institucionais da CI, contribuindo para a inclusão epistemológica e a governança de dados no contexto da epistemologia africana.

Este artigo não busca revalidar ou relativizar o pensamento ocidental, mas sim acrescentar a pluralidade epistemológica, propondo vocabulários abertos na prática de curadoria na estratégia de preservação que reconheça o poder da intelectualidade do povo africano. Ao propor uma CI decolonial calcada em *Odù Corpus, Òrúnmìlà, Èṣù, Ìtàn, Èṣù* e *Babáláwo*, visa-se demonstrar uma taxonomia que leve em consideração uma epistemologia não ocidental que promova uma organização do conhecimento que favoreça o acesso e a recuperação de informações na perspectiva da epistemologia africana.

Em resumo, este artigo apoia a ideia de que a integração de saberes *Yorùbá* na CI não se trata de um ajuste tecnológico, mas de uma resposta prática, ética e teórica a uma injustiça epistêmica[5]. Ao abordar o *Ifá* como saber ancestral em uma abordagem mais inclusiva e democrática, este se desponta, nesta pesquisa, como um conjunto de saberes não ocidentais que traz à tona formas de organização do conhecimento[6], práticas orais, preservação e circulação do conhecimento. Ao trazermos essa epistemologia africana, acreditamos que há ganhos epistemológicos.

[5] Para este trabalho, entendemos que a injustiça epistêmica é um conjunto de variáveis sociais que se apresentam através do preconceito; uma estrutura social que marginaliza saberes não ocidentais. Para mais informações, acessar o trabalho de Natalia Cardona e Franciéle Silva (2023).

[6] Para mais informações, conferir o trabalho de Dirnéle Garcez e Rodrigo Sales (2023).

As hipóteses deste estudo afirmam que a oralidade, enquanto prática de memória e transmissão, atua como tecnologia da informação[7] ao organizar o conhecimento sob *Odù Corpus*, possibilitando a recuperação, a preservação e a interoperabilidade entre saberes tradicionais e abordagens contemporâneas de CI. Ademais, considera-se:

a) que *Odù Corpus* funciona como uma taxonomia viva, estruturando saberes orais em categorias conceituais que orientam a curadoria, a indexação e a recuperação de informações em contextos educativos, museus, bibliotecas comunitárias e sistemas de informação;
b) que a integração de saberes tradicionais com práticas de preservação de informação facilita a construção de políticas de acesso e de governança que valorizam a participação comunitária e promovem uma epistemologia decolonial;
c) que a adoção de uma abordagem decolonial na preservação de conhecimento, mediada pela oralidade, reduz o ruído de silenciamento e amplia a legitimidade de saberes africanos e afro-brasileiros no campo da Biblioteconomia e da CI;
d) e que a aplicação de *Odù Corpus* como taxonomia facilita a interoperabilidade entre saberes tradicionais e práticas modernas de organização do conhecimento, contribuindo para a recuperação e o uso do conhecimento em contextos multidisciplinares.

Dessa forma, o problema desta pesquisa é entender como a taxonomia em *Odù Corpus* pode funcionar como uma estrutura viva de classificação, curadoria e governança da informação que integre saberes tradicionais africanos e práticas institucionais da CI, contribuindo para a inclusão epistemológica e a governança de dados no contexto da epistemologia africana.

Os objetivos deste trabalho são analisar *Odù Corpus* como uma taxonomia viva que pode orientar uma abordagem decolonial na organização do conhecimento, articulando oralidade, memória e prática de curadoria para ampliar o acesso e a governança de saberes em contextos informacionais diversos; descrever, recuperar e organizar o conhecimento na CI, integrando os saberes orais na articulação das perspectivas decoloniais; e sugerir um

[7] Compreendemos neste trabalho como Tecnologia da Informação o tratamento de conhecimentos intangíveis calcados nos processos de decisões humanas. Para mais dados sobre Tecnologia da Informação, acessar Gercina Lima, Liliam Pinto e Marconi Laia (2002).

arcabouço composto por saberes tradicionais na representação, preservação e recuperação de informação.

O pensamento decolonial e informacional apresenta contribuições que dialogam com a contranarrativa às perspectivas hegemônicas, conforme Franciéle Silva (2023), que aponta a epistemologia africana como cuidada e preservada pelos africanos, mesmo sob a pressão do colonialismo europeu. A história oral, indicada pela autora como fonte de vivência, dialoga com o sistema informacional de preservação de uma taxonomia viva, que compreende a tradição religiosa africana como uma diversidade epistêmica.

As seções de aplicações discutem cenários de organização de acervos, interoperabilidade com vocabulários existentes, procedimentos de preservação e acesso, sempre privilegiando a participação comunitária. A discussão aborda dilemas éticos e políticos — como autoria, propriedade intelectual, consentimento comunitário e gestão de saberes sensíveis —, propondo diretrizes para a construção de vocabulários abertos e padrões de interoperabilidade respeitosos às diferentes epistemologias. Em estudo de caso ou validação inicial, o artigo pode apresentar uma microanálise que ilustre a aplicabilidade da taxonomia em ambientes digitais de governança, evidenciando a tradução prática das categorias *Yorùbá* em operações de classificação e metadados, sem perder o contexto sociocultural. Por fim, as considerações finais sintetizam as contribuições, reconhecem as limitações e apontam as direções para trabalhos futuros, incluindo o aperfeiçoamento da ontologia, o fortalecimento da participação comunitária e a disseminação de quadros conceituais que formalizem o mapeamento *Odù Corpus, Ìtàn, Babálàwo, Èṣù* e *Òrúnmìlà* para a CI, de modo a orientar políticas públicas, práticas institucionais e pesquisas subsequentes na área.

A organização do artigo inicia situando a necessidade de repensar a organização do conhecimento na CI a partir de epistemologias africanas, em especial da tradição *Yorùbá*, para promover uma leitura decolonial que valorize saberes não ocidentais e reconheça a diversidade de práticas de curadoria, classificação e preservação. Em seguida, o texto apresenta a fundamentação teórica, desenvolvendo *Odù Corpus* e *Ìtàn* como categorias analíticas centrais que estruturam uma taxonomia capaz de abarcar saberes orais, rituais e documentos.

2 METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de abordagem teórico-analítica, na perspectiva da decolonialidade na CI. A tradição oral é entendida aqui como Tecnologia da Informação: o enquadramento teórico sustenta a leitura de que a Tecnologia da Informação não se restringe a dispositivos materiais, mas inclui sistemas sociocognitivos de produção, organização e circulação do conhecimento, conforme discutido por Lima, Pinto e Laia (2002) ao tratarem impactos e mediações da tecnologia da informação na sociedade.

A pesquisa propõe compreender como categorias conceituais derivadas de *Odù Corpus* orientam procedimentos de curadoria, indexação e recuperação de informações, bem como as práticas de preservação que suportam políticas de acesso mais participativas. O enquadramento teórico sustenta que a oralidade atua como memória coletiva e transmissão de conhecimento, fornecendo fundamentos para uma organização do conhecimento que valoriza contextualização, historicidade e diversidade epistemológica.

Neste estudo, *Èṣù* é analisado como organizador do fluxo de informações, *Babáláwo* como mediadores semânticos que validam termos e relações, e *Òrúnmìlà* como guardião da curadoria e da preservação (Diogo Melo; Priscila Faulhaber; Thayron Rangel, 2024). *Odù Corpus* são investigados como unidades de saber que subsidiam uma ontologia para a CI. Os procedimentos metodológicos incluem a construção de uma taxonomia baseada nesses conceitos, o processo de validação com potencial participação comunitária e a definição de critérios de coerência terminológica, interoperabilidade com padrões de metadados e preservação de contexto cultural. A análise visa mapear as categorias *Yorùbá* e os componentes da CI, demonstrando como *Odù Corpus* organizam temas e *Ìtàn* registram casos, com o objetivo de evidenciar a viabilidade de uma CI decolonial que favoreça vocabulários abertos e práticas de curadoria que respeitem epistemologias africanas.

A base empírica envolve fontes bibliográficas disponíveis, em especial o trabalho de Melo, Faulhaber e Rangel (2024), intitulado *A Biblioteca de Ifá e suas contribuições para o pensamento decolonial e informacional*, complementadas por leituras críticas da obra de Franciéle Silva (2023), *Biblioteconomia Negra: das epistemologias negro-africanas à teoria crítica racial* e pela história oral associada, que apontam para uma diversidade epistêmica que comunga com a epistemologia africana e o pensamento decolonial de Sàlámi e Ribeiro (2023),

que socializam os fundamentos organizados pela prática do *Ifá*, com *Èṣù* atuando como organizador e *Òrúnmìlà* como guardião do acervo. Nesse sentido, os autores afirmam que:

> Para conhecer a natureza de Exu, bem como os desígnios de Eledunmare, Ser Supremo, para este orixá, é preciso recorrer ao *corpus* literário de Ifá. Por essa razão apresentamos, no presente capítulo, um mínimo de informações indispensáveis sobre *Odù Corpus,* que integra o amplo contexto da tradição oral africana. Lembremos que a palavras *Ifá* designa, simultaneamente, Orunmilá, orixá da sabedoria, e seu sistema divinatório. O *Odù Corpus* cumpre função integradora no âmbito da sociedade iorubá, por estabelecer as regras principais da inserção do indivíduo em seu grupo. Esse riquíssimo conjunto de conhecimentos esotéricos e registros históricos da milenar tradição iorubá é mantido e transmitido pelos *babaláwo* (babalaôs, pais do segredo), sacerdotes de Orunmilá, preparados desde a mais tenra infância para o cumprimento de tão importante tarefa (Sàlámi; Ribeiro, 2023, p. 225).

A partir dos *Odù Corpus* transmitidos pelos sacerdotes, dentre eles o *Bàbáláwo*, as escrituras sagradas[8], os *Ìtàn* constroem um corpo de saberes que não depende exclusivamente da forma escrita, mas também da oralidade, da memória coletiva e do ritual. O sacerdote saberá quais *Odù* relacionados à história da vida do sujeito encontram resposta por meio do *Ìtàn* (Leonor Araújo, 2023).

Para o levantamento de bibliográfico, foram consultadas a Base de Dados Referencial de Artigos periódicos da Ciência da Informação (BRAPCI); a Scientific Electronic Library Online (Scielo), biblioteca digital de acesso aberto que reúne periódicos científicos; o Portal de Periódicos CAPES; a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD); o Portal Brasileiro de Publicações e Dados Científicos em Acesso Aberto (Oasisbr); o portal de periódicos da Universidade Federal Fluminense — Revista Latino Americana de Estudos em Cultura (PRAGMATIZES); a Revista Discente do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) — SACRILEGENS; e a Revista Cadernos de Pedagogia do Centro de Educação e Ciências Humanas (UFSCar). A coleta de dados privilegia uma triangulação de fontes, com o intuito de mapear a percepção do *Ifá* entre diversas bibliografias. A pesquisa nas bases teve como palavras-chave, em grafia *Yorùbá*: "*IFÁ*

[8] O termo "escrituras sagradas" é conceituado e contextualizado pelo Centro Religioso Instituto Omoluabi *Ifá* nos fundamentos e ritos do sagrado da tradição religiosa de matriz africana. O termo se fortalece como espaço de preservação com estudo e orientação religiosa, no reconhecimento das instituições. Atualmente, o Centro Religioso Instituto *Omoluabi Ifá* opera como um espaço de preservação e orientação espiritual onde o sagrado é lido e aplicado na vida cotidiana que tem como zelador Paulo *Ifáléyẹ Àkálá* Rogério da Costa. A tradição religiosa africana não possui doutrinas nem mandamentos.

AND *ÌTÀN*", "*IFÁ* AND *ÀKÁMARÀ*", "*IFÁ* AND *OLÓDÙMARÈ*", "*IFÁ* AND *ÒRÚNMILÀ*", "*IFÁ* AND *IRÚNMOLÈ*", "*IFÁ* AND *ODÙ*".

O recorte da pesquisa baseia-se na seleção de 27 bibliografias relevantes, escolhidas entre as fontes disponíveis para fundamentar a compreensão dos fundamentos do *Ifá*, ritos sagrados e práticas associadas às tradições de matriz africana. Essa curadoria não visa simplificar a discussão proposta, pelo contrário, pretende enriquecer o trabalho com referências sólidas que ofereçam contextualizações robustas, incluindo abordagens decoloniais e epistemologias africanas. A seleção busca assegurar consistência metodológica, riqueza interpretativa e rastreabilidade das fontes, permitindo uma leitura crítica e integrada do tema. Além das obras discutidas ao longo do texto, o *corpus* selecionado reúne estudos sobre organização, representação, curadoria e gestão da informação (Marina Aleixo *et al.*, 2020; Mariângela Fujita; Jessica Tolare, 2019; Dalton Martins; Danielle Carmo; Marcel Silva, 2022; Maria Moura, 2006; Tatiana Queiroz; Anastácio de Paula; Cláudio Paixão, 2016; Monick Santos; Renato Correa; Remi Lapa, 2013); e sobre oralidade, epistemologias negras e decolonização do conhecimento (José Carvalho, 2023; Júlia Costa; Daniela Albuquerque; Silveira, 2024; Constância Duarte; Cristiane Côrtes; Maria Pereira, 2023; Leda Martins, 2021; Souza; Carvalho, 2025); sobre o pensamento e as instituições iorubás (Achame Anyebe, 1989; Sophie Olúwọlé, 2014; Ṣọlágbadé Pópóọlá, 2014); e sobre religiões, sincretismo e tradições de matriz africana (Natali Braga, 2012; Nilmar Carvalho, 2022; Sérgio Ferretti, 2013; Reginaldo Prandi, 1990, 2005; Maria Rosas; Bernardina Oliveira, 2016).

Assim, a metodologia qualitativa de abordagem teórico-analítica permite a triangulação entre fontes primárias — *Odù Corpus*, *Ìtàn* e *Bàbáláwo* — e fontes secundárias, como a literatura crítica e a documentação extraída da BRAPCI, bem como a realização de uma análise interpretativa que privilegia contextos históricos, culturais e epistemológicos, ampliando a compreensão do *Ifá* enquanto tradição africana complexa e resistente às pressões da colonialidade.

Foi utilizada ferramenta de IA generativa ChatGPT/OpenAI apenas como apoio editorial e linguístico, sem participação na produção conceitual, analítica ou interpretativa do conteúdo científico, integralmente de autoria dos pesquisadores.

3 *IFÁ* COMO BIBLIOTECA VIVA: *ODÙ CORPUS*, *BÀBÁLÁWO*, *ÈṢÙ*, ORALIDADE E *ÌTÀN* COMO RECURSOS INFORMACIONAIS

Esta seção propõe a inserção de *Odù Corpus*, *Bábáláwo, Èṣù* e *Ìtàn* como recursos informacionais vivos dentro de uma organização, curadoria e circulação do conhecimento. *Odù Corpus*, *Bábáláwo, Èṣù* e *Ìtàn* podem ser considerados recursos culturais intangíveis na estrutura de organização, curadoria e circulação do conhecimento, resultando em uma possível classificação simbólica. Nesse ínterim, vem à tona a decolonialidade: *Odù Corpus* podem funcionar como uma estrutura de classificação para a CI, enquanto *Ìtàn* pode registrar os casos escritos e oferecer contextualização aos usuários. *Èṣù* pode atuar como mediador do fluxo nos repositórios e, por fim, o *Bábáláwo* pode oferecer uma validação dos termos e relacioná-los à oralidade como tecnologia de registro e de transmissão de saberes.

Essa inclusão de saberes pode sustentar uma integração de informação entre saberes tradicionais africanos e CI decolonial, agregando uma tradição religiosa de matriz africana — o *Ifá* — a padrões de metadados com vocabulários abertos e governança participativa, ao mesmo tempo em que preserva a tradição religiosa de matriz africana com acessibilidade democrática em uma CI decolonial. Com a viabilidade de uma taxonomia que inclui saberes tradicionais africanos, incorporando rituais que vinculam a linguagem do povo *Yorùbá* com os padrões de interoperabilidade, salienta-se a participação comunitária na edificação de políticas de acesso à informação.

Odù Corpus, Bábáláwo, Èṣù e *Ìtàn* podem ser concebidos como um conjunto de estruturas simbólicas que orientam a organização, circulação e recuperação de saberes em contextos socioculturais. Na CI, a tradição religiosa, o *Ifá* e seus fundamentos podem funcionar como uma taxonomia simbólica que influencia a classificação, a curadoria e a recuperação de conteúdo, incluindo relatos orais, textos documentais e dados digitais.

Odù Corpus e *Ìtàn* podem ser apresentados como sistemas classificatórios na concepção de uma Biblioteconomia negra, emergindo como uma taxonomia viva na qual *Odù Corpus* e *Ìtàn* podem ser compreendidos como unidades narrativas de memória e pensamentos esotéricos de *Olódùmarè*, configurando uma diversidade epistêmica. Ao citar o *Ifá* no âmbito de uma epistemologia africana, fomenta-se o conhecimento que não é validado apenas a partir de uma perspectiva ocidental, mas também como saberes tradicionais que adentram na CI, como a Biblioteca de *Ifá* (Melo; Faulhaber; Rangel, 2024). Esses saberes

tradicionais, embora não façam uma referência literal aos trabalhos de Franciéle Silva (2023) e Melo; Faulhaber e Rangel (2024), são trabalhos que se comunicam com a perspectiva do giro decolonial e com epistemologia africana.

Èṣù expõe as tensões entre tradição, sincretismo e representação identitária, ao mesmo tempo em que revela como leituras ocidentais costumam reduzir o sagrado africano a imagens demoníacas ou a um corpo negro. Ao se trazer para o debate o sagrado das tradições religiosas africanas, sem (re)significá-lo e reduzi-lo, ampliam-se as leituras dessas epistemologias africanas no escopo da CI na descolonização dos saberes. A contribuição de Campos e Gomes (2007), ao apresentarem o conceito de taxonomia, corrobora a categorização do conhecimento das epistemologias africanas como passo elementar da organização do conhecimento e de saberes silenciados. Essa possibilidade de pesquisa, do mesmo modo que carrega o sagrado, efetiva a organização do conhecimento e constrói sistemas inclusivos. Mas *Èṣù* se apresenta como mediador semiótico, conectando o sagrado, o cotidiano e a enunciação. *Èṣù* é:

> Um dos orixás primordiais. Orixá da ordem, da disciplina e da organização. Mensageiro dos orixás e veiculador do axé das divindades. Sendo o inspetor dos rituais, recebe atenções antes do início de todo ritual. Em grande parte da literatura disponível Exu é apresentado como um ser ambíguo, entidade neutra entre o bem e o mal ou, ainda, como simultaneamente bom e mau. Caracterizado como grande estrategista, com inclinação para o lúdico, sua fidelidade à palavra e a verdade, seu bom senso, sua ponderação e seu discernimento lhe conferem a capacidade de julgar com justiça e sabedoria. (Sàlámi; Ribeiro, 2023, p. 423).

Na visão ocidental, *Èṣù* é compreendido como uma figura demoníaca, estigmatizada em um corpo negro, enquanto Deus é identificado à semelhança do homem branco. Com o intuito de compreender a afirmação sobre *Èṣù* e as narrativas sobre ser considerado um demônio nas leituras do mundo ocidental, é necessário situar esse ponto de vista dentro de um olhar de criticidade que questiona o conhecimento sustentado por práticas que classificam representações religiosas. Em tese, *Èṣù* é reduzido a um arquétipo demoníaco, associando o corpo negro a uma suposta inferioridade. Em um contexto “das sociedades inferiores”, a tentativa de reduzir uma epistemologia de conhecimento africana desloca a tradição religiosa de matriz africana e legitima uma possibilidade de enquadramento do cristianismo, religião dos colonizadores que subalterniza as tradições religiosas de matriz africana:

> Na iconografia religiosa o Demônio, frequentemente representado como negro, estigmatiza o **corpo negro** e sugere que Deus se identifica com o universo do homem branco. E talvez neste pormenor, aparentemente irrelevante, resida partes das razões pelas quais Exu, o negro, tenha sido escolhido para representar o papel do Demônio ou Satã ao serem traduzidos a Bíblia e o Alcorão. O cristianismo, enquanto recurso de "promoção do bem dos colonizados", na medida em que levava a eles a civilização, se contrapôs às práticas sociais e religiosas tradicionais, confundindo a sua tarefa de sacramentalização com a tarefa de lutar contra a bruxaria e a poligamia, fenômenos considerados próprios das sociedades inferiores e pagãs (Sàlámi; Ribeiro, 2023, p. 218).

Nesse panorama apresentado, a crítica, no sentido decolonial, faz-se necessária na CI: é preciso reconhecer *Èṣù*, *Odù Corpus*, *Bábáláwo* e *Ìtàn* com suas práticas de mediações no rito, nos fundamentos e nas vivências do *Ifá*, como fontes de organização e de conhecimento. *Èṣù*, *Odù Corpus*, *Bábáláwo* e *Ìtàn* oferecem paradigmas alternativos de classificação, metadados e acesso à informação. Ao adicionar o pensamento e as práticas tradicionais *Yorùbá*, a CI nos convida a repensar as práticas de curadoria de reconhecimento e de valorização das epistemologias africanas.

4 PRESERVAÇÃO: ORALIDADE COMO TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO

A oralidade pode funcionar como prática cognitiva no entendimento da tradição religiosa de matriz africana. Nesse contexto, *Odù Corpus*, em outras palavras, seria a tecnologia da epistemologia africana[9] na preservação e na curadoria do conhecimento, já que ele atua como uma tecnologia em repositórios de memória, fundamentos, procedimentos e narrativas. Nesse dimensionamento, *Odù Corpus* não é somente uma coleção de símbolos e rituais, mas se apresenta como uma taxonomia viva na validação e na transmissão de informações e saberes orais, categorias do conhecimento da tradição religiosa de matriz africana que terão a sua preservação sistematizada em estruturas que autorizam a recuperação sem perder a riqueza das transmissões de saberes, não sendo (re)significadas, mas sim, conceituadas e contextualizadas para a CI.

[9] Entende-se, nesta pesquisa, *Odù Corpus* como tecnologias da epistemologia africana que foram marginalizadas, não sendo entendidas como saberes. Para mais informações, acessar o trabalho de Márcia Souza e Paulo Carvalho (2025).

Por meio da oralidade e das práticas de memória é que são transmitidos os ensinamentos do *Ifá*. No *Ifá,* a transmissão oral preserva e compartilha conhecimento, ao mesmo tempo que comunica aspecto da organização social da tradição. A Biblioteconomia, ainda que de forma gradual, vem reconhecendo essa epistemologia africana como documentos vivos, associados à prática de preservação oral. É a proteção da informação que difere do ruído de silenciamento quando temos como conhecimento apenas uma visão ocidental que circula com a política de apagamento epistemológica. Na Biblioteconomia, temos trabalhos que estão no sentido oposto dos grupos hegemônicos da Biblioteconomia brasileira. Franciéle Silva (2019), por meio de sua dissertação intitulada *Representações sociais acerca das culturas africana e afro-brasileira na educação em Biblioteconomia no Brasil*, contextualiza como a preservação está para o indivíduo:

> Não podemos esquecer ainda que desde o seu princípio, o racismo se desenvolveu em torno da luta pela posse e preservação dos recursos vitais – antes esses recursos eram território, força de trabalho, riquezas do ambiente e, atualmente, são acesso à educação, serviços sociais, poder político, capital de financiamento, lazer, direito de ser tratado de forma igualitária pela justiça, etc. – da sociedade. O racismo restringe o acesso a tudo e as vantagens e benefícios são distribuídos conforme o fenótipo do indivíduo, onde uma pessoa de fenótipo africano ou negro terá pouco ou nenhum acesso a bens materiais, imateriais e simbólicos, enquanto as pessoas de fenótipo branco serão as que usufruirão do acesso a esses benefícios de forma ilimitada (Silva, 2019, p. 37).

Diante da centralidade da oralidade e das práticas de memória, as experiências do *Ifá* são compreendidas como formas de transmissão de saberes que possibilitam o registro e a organização de informações e fundamentos que orientam o cotidiano da tradição religiosa. Essa dinâmica articula sabedoria e conhecimento, configurando uma ontologia decolonial. Embora ainda em estágio inicial, a Biblioteconomia vem reconhecendo, cada vez mais, as epistemologias africanas associadas às práticas de preservação, com o objetivo de delinear estratégias de arquivamento que vão além da mera representação de conteúdo. Trata-se de contemplar os saberes ancestrais da tradição religiosa de matriz africana e articulá-los com abordagens contemporâneas da CI, promovendo uma integração entre saberes tradicionais e métodos modernos de organização, recuperação e circulação do conhecimento.

Dessa forma, a proteção da informação contida nos saberes ancestrais da tradição religiosa de matriz africana está na contramão da epistemologia ocidental, não como

desconsideração do conhecimento, mas como uma epistemologia que transcende qualquer tipo de silenciamento, principalmente quando o conhecimento é identificado por olhares que contemplam o pensamento ocidental com a política de apagamento epistemológico.

Assim, o *Ifá* se apresenta como uma taxonomia de saberes imateriais, contribuindo de forma objetiva para o pensamento decolonial da CI como uma epistemologia que se apresenta como a tradição *Yorùbá*, que oferta uma visão do mundo que não se reduz aos conhecimentos tangíveis focados na materialidade palpável. *Ifá* se revela como uma dinâmica de saberes, símbolos, práticas e narrativas intangíveis em uma memória social, nos rituais comunitários e na oralidade. Nesse sentido, o *Ifá* pode ser entendido como uma biblioteca viva, contribuindo efetivamente com a CI.

Na prática bibliográfica, a BRAPCI identifica o estudo de Melo, Faulhaber e Rangel (2024), intitulado *A biblioteca de Ifá e suas contribuições para o pensamento decolonial e informacional,* como referência-chave para a relação entre *Ifá* e epistemologias críticas. A ideia central é que *Ifá* organiza saberes de forma não escrita, exigindo métodos de curadoria, catalogação e interpretação que reconheçam a diversidade epistemológica e a legitimidade de saberes afro-desenvolvidos. Mesmo inserido no contexto apresentado, o *Ifá* não desaparece: ele permanece vivo, mas a troca do Rosário de *Ifá*/*òpèlè* pelo jogo de búzios por iyalorixás e babalorixás foi notória. De acordo com Sàlámi e Ribeiro (2023, p. 20): "No Brasil o *dílógún érìndílógúri* é recurso oracular de babalorixás e ialorixás, substituiu quase completamente o uso do *Òpèlè*, corrente divinatória, recurso oracular do ***Babaláwo***". O *dílógún érìndílógúri*, na tradução para o português, é o jogo de búzios. A corrente divinatória está ligada às divindades, e não se reduz a adivinhações. O jogo de *Ọpẹ̀lẹ̀* ocorre em um oráculo denominado *Ọpọ́n-Ifá*, que tem formatos peculiares: semicircular, circular ou retangular.

5 CONCLUSÃO

As considerações finais deste estudo sintetizam como centro dos estudos a oralidade e as práticas de memória na construção de saberes que o *Odù Corpus* codifica e organiza, sugerindo uma leitura decolonial da Biblioteconomia e da CI. Ao trazer a compreensão do *Odù Corpus* como uma taxonomia viva, o estudo evidencia como os rituais e fundamentos do *Ifá*

orientam procedimentos de curadoria, indexação e recuperação de informações, ampliando a interoperabilidade entre saberes tradicionais e abordagens contemporâneas.

Os principais resultados desta pesquisa demonstram que a integração dos princípios do *Ifá* na CI revela um sistema de organização do conhecimento intrinsecamente ligado à governança de dados, no qual figuras como *Èṣù, Òrúnmìlà* e os *Bàbáláwo* atuam como organizadores, guardiões e mediadores semânticos. Esta estrutura não apenas valida termos e relações, mas também garante a contextualização e a diversidade epistemológica, configurando uma contribuição original para o campo.

A incorporação de saberes da tradição religiosa de matriz africana com práticas de preservação de informação emerge como caminho para políticas de acesso mais participativas, sustentadas por uma governança que valoriza a participação comunitária e a epistemologia africana. Nessa circunstância, a abordagem conceitual em uma perspectiva decolonial não funciona apenas como crítica, mas como fundamento para ajustar práticas institucionais da Biblioteconomia e da CI, promovendo ambientes de acesso, curadoria e preservação que respeitem códigos simbólicos, historicidade e dinâmicas da tradição religiosa de matriz africana — o *Ifá*. As implicações empíricas apontam para a necessidade de políticas de invenção de métodos de organização do conhecimento que reconheçam a oralidade como tecnologia da informação, ampliando a recuperação de conteúdos e a circulação de saberes em contextos educativos, museais, em bibliotecas comunitárias e em sistemas de informação. Em síntese, o estudo demanda uma CI mais plural e inclusiva, capaz de sustentar a memória coletiva sem neutralizar as diferenças epistêmicas que compõem a diversidade de saberes.

Como desdobramentos práticos, a taxonomia baseada no *Odù Corpus* pode ser aplicada no desenvolvimento de sistemas de informação para acervos de patrimônio imaterial, na criação de diretrizes para a curadoria de conteúdos digitais de comunidades tradicionais e na formulação de políticas públicas que promovam a inclusão epistemológica. Futuramente, sugere-se a realização de estudos de caso para testar a aplicabilidade dessa taxonomia em contextos reais, como bibliotecas universitárias ou arquivos comunitários, e aprofundar a pesquisa sobre a construção de ontologias que formalizem o mapeamento entre os conceitos *Yorùbá* e as categorias da CI. Tais encaminhamentos visam fortalecer a participação comunitária e consolidar uma CI decolonial e verdadeiramente global.

REFERÊNCIAS

AGANETTE, Elisângela; ALVARENGA, Lídia; SOUZA, Renato Rocha. Elementos constitutivos do conceito de taxonomia. **Informação & Sociedade**: Estudos, João Pessoa, v. 20, n. 3, p. 77-93, set./dez. 2010. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/index.php/ies/article/view/3994. Acesso em: 31 out. 2026.

ALEIXO, Marina Romano *et al.* O papel do gestor e curador da informação nos novos comportamentos informacionais. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 25, n. 3, p. 49-62, 2020.

ANYEBE, Achame Paul. **Ogboni**: the birth and growth of the Reformed Ogboni Fraternity. *[S. l.]:* Smithsonian Libraries and Archives, 1989. 137 p.

ARAÚJO, Leonor Franco. **Sistema filosófico de Ifá.** 2023. Tese (Doutorado em Difusão do Conhecimento) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Salvador, 2023.

BAMBERG, Callu Ribeiro Ferreira Pedreira e Andrade; VITAL, Luciane Paula; COSTA, Amábile; GARCEZ, Dirnele Carneiro. Epistemologia decolonial e ciência da Informação: uma análise dos anais do ENANCIB. **InCID:** Revista de Ciência da Informação e Documentação, v. 13, n. 2, p. 29-46, 2022. DOI: https://doi.org/10.11606/issn.2178-2075.v13i2p29-46. Disponível em: https://revistas.usp.br/incid/pt_BR/article/view/190137. Acesso em: 31 out. 2026.

BRAGA, Natali Destefani. O quando do cristianismo. **Religião & Sociedade**, v. 32, n. 2, p. 193-208, 2012.

CAMPOS, Maria Luiza de Almeida; GOMES, Hagar Espanha. Taxonomia e classificação: a categorização como princípio. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, Salvador. **Anais** [...]. Salvador, 2007.

CARDONA, Natalia Duque; SILVA, Franciéle. Perspectivas críticas e justiças epistêmicas nos estudos informacionais. **Encontros Bibli:** Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, v. 28, n. 49, p. 1-8, 2023. Disponível em: https://brapci.inf.br/v/224071 . Acesso em: 17 fev. 2026.

CARVALHO, Nilmar de Sousa. Religiões antigas: a vida e os ensinamentos dos essênios. **Sacrilegens**, Juiz de Fora, v. 19, n. 2, p. 44-62, jul./dez. 2022. Disponível em: http://doi.org/10.34019/2237-6151.2022.v19.39084. Acesso em: 26 jan. 2026.

CARVALHO, José Jorge. Epistemômetro: uma Metodologia para a Descolonização e Transformação do Currículo das Universidades Brasileiras. **PragMATIZES - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura**, v. 13, n. 25, p. 302-345, 2023. Disponível em: https://periodicos.uff.br/pragmatizes/article/view/57921. Acesso em: 14 jan. 2026.

COSTA, Júlia Raquel Farias da; ALBUQUERQUE, Daniela Eugênia Moura de; SILVEIRA, Murilo Artur Araújo da. Fontes de informação alternativas: as práticas de tradição oral griô nos referenciais do conhecimento. **Logeion:** filosofia da informação, v. 11, n. 1, p. 1-20, 2024.

DUARTE, Constância Lima; CÔRTES, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário Alves. **Escrevivências:** identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Malê, 2023.

FERRETTI, Sérgio Figueiredo. **Repensando o sincretismo.** 2. ed. São Paulo: Arché, 2013.

FUJITA, Mariângela Spotti Lopes; TOLARE, Jessica Beatriz. Vocabulários controlados na representação e recuperação da informação em repositórios brasileiros. **Informação & Informação**, v. 24, n. 2, p. 93-125, 2019.

GARCEZ, Dirnéle Carneiro; SALES, Rodrigo de. Combate às violências colonizadoras na organização do conhecimento: uma análise amparada pela escala de decolonialidade para estudos em organização do conhecimento (EDEOC) *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 23., 2023, Aracaju. **Anais [...]**. Aracaju, 2023.

LIMA, Gercina Ângela Borem de Oliveira; PINTO, Liliam Pacheco; LAIA, Marconi Martins da. Tecnologia da informação: impactos na sociedade. **Informação & Informação**, v. 7, n. 2, p. 75-94, 2002. DOI: https://doi.org/10.5433/1981-8920.2002v7n2p75. Disponível em: https://brapci.inf.br/v/33938. Acesso em: 29 mar. 2026.

MARTINS, Leda Maria. **Performance do tempo espiralar:** poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. (Encruzilhada).

MARTINS, Dalton Lopes; CARMO, Danielle do; SILVA, Marcel Ferrante. Modelos de governança em serviços de acervos digitais em rede: elementos para a produção de uma política pública nacional para objetos culturais digitais. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 27, n. 1, p. 81-109, 2022.

MELO, Diogo Jorge; FAULHABER, Priscila; RANGEL, Thayron Rodrigues. A Biblioteca de Ifá e suas contribuições para o pensamento decolonial e informacional. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 28, n. 3, p. 1-17, 2024. Disponível em: https://revistaacb.emnuvens.com.br/racb/article/view/2072. Acesso em: 8 nov. 2025.

MOURA, Maria Aparecida. Ciência da informação e semiótica: conexão de saberes. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 11, n. esp. 2, p. 1-17, 2006. DOI: https://doi.org/10.5007/1518-2924.2006v11nesp3p1.

OLÚWỌLÉ, Sophie Bọ́sẹ̀dé. **Socrates and Ọ̀rúnmìlà:** two patron saints of classical philosophy. Lagos: Ark Publishers, 2014.

PÓPÓỌLÁ, Ṣọlágbadé. **Ọmọlúàbì**: the description of a complete human being. Phoenix: Ifa Works, 2014.

PRANDI, Reginaldo. Modernidade com feitiçaria: Candomblé e Umbanda no Brasil do século XX. **Tempo Social**, São Paulo, Brasil, v. 2, n. 1, p. 49-74, 1990. Disponível em: https://doi.org/10.1590/ts.v2i1.84787. Acesso em: 30 ago. 2025.

PRANDI, Reginaldo. **Segredos guardados:** Orixás na alma brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

QUEIROZ, Tatiana Pereira; PAULA, Anastácio de; PAIXÃO, Cláudio. Dimensões do relacionamento entre a universidade e seus egressos por meio da informação: o caso da universidade federal de Minas Gerais. **Em Questão**, v. 22, n. 1, p. 37-66, 2016.

ROSAS, Maria Nilza Barbosa; OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freira de. **A jurema sagrada: descortinando mistérios, reverenciando memórias**. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 17., 2016, Salvador. **Anais** [...]. Salvador, 2016.

SÀLÁMI, Síkírù (King); RIBEIRO, Ronilda Iakemi Ribeiro. **Exu e a Ordem do Universo.** 3. ed. São Paulo: Oduduva, 2023.

SANTOS, Monick Trajano dos; CORREA, Renato Fernandes; LAPA, Remi Correia. Estudos sobre a apropriação da ontologia pela Ciência da Informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 14., 2013, Florianópolis. **Anais** [...]. Florianópolis, 2013.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da. **Representações sociais acerca das culturas africana e afro-brasileira na educação em Biblioteconomia no Brasil.** 2019. 521 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: http://ridi.ibict.br/handle/123456789/1047. Acesso em: 09 fev. 2026.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da. **Biblioteconomia Negra**: das epistemologias negro-africanas à teoria crítica racial. Rio de Janeiro: Malê, 2023.

SOUSA, Renato Tarciso Barbosa de; ARAÚJO JUNIOR, Rogério Henrique de. A indexação e criação de taxonomias para documentos de arquivo: proposta para a expansão do acesso e integração das fontes de informação. **Brazilian Journal of Information Science**, v. 11, n. 4, p. 47-56, 2017. DOI: https://doi.org/10.36311/1981-1640.2017.v11n4.08.p47. Disponível em: https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjis/article/view/7508. Acesso em: 31 out. 2026.

SOUZA, Márcia Regina de; CARVALHO, Paulo Victor Rodrigues de. Tecnologias da cultura africana e afrodescendente: pesquisa bibliográfica a partir da perspectiva decolonial. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, 2025. Disponível em: https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/25/1/tecnologias-da-cultura-africana-e-afrodescendente-pesquisa-bibliografica-a-partir-da-perspectiva-decolonial. Acesso em: 29 mar. 2026.

RISC
ISSN 2447-0198

Declaração de Contribuição dos Autores:

Denilson Fiuza: Conceituação; Curadoria de Dados; Análise Formal; Investigação; Metodologia; Redação – Rascunho Original; Redação – Revisão e Edição; Visualização.

Ana Paula Meneses Alves: Conceituação; Curadoria dos Dados; Metodologia; Administração do Projeto; Supervisão; Validação; Redação – Revisão e Edição.

Douglas Emiliano Januário Monteiro: Conceituação; Supervisão; Validação; Redação – Revisão e Edição.

Como citar o artigo:

FIUZA, Denilson; ALVES, Ana Paula Meneses; MONTEIRO, Douglas Emiliano Januário. Ifá: tradição africana como taxonomia viva na Ciência da Informação. **Revista Informação na Sociedade Contemporânea**, Natal, RN, v. 10, p. e43507, 2026. DOI: https://doi.org/10.21680/2447-0198.2026v10n1ID 43507.

Editora de seção

Dra. Nancy Sánchez Tarragó